

GLEBA

semanario

DE LITERATURA E CRÍTICA

comissão directiva:

Almeida e Silva
Duarte Rodrigues
Guy de Oliveira
Jorge Antunes
Jorge Domingues
Mário Dionísio
Moura Vitória
Victor Santos

s u m á r i o

uma directriz
onze de novembro—D. A.
quinto império—M. & M.
renovação cultural—Almeida e Silva
um professor...—M. D.
o nosso teatro—Lino Carracho
um livro—Palma Carlos
educação sexual da mocidade—S. de O.
ars nova—Vicente Martins
aspectos da literatura contemporânea—Anjo Alca
o homem bárbaro—Guy de Oliveira
acerca dum conceito—Victor Santos
tragédia quasi trágica—Jorge Antunes
blasco ibañez—Sérgio Augusto Vieira
r e l i g i ã o e s — Rocha Pinto
v á r i a n t e s

ONZE DE NOVEMBRO

11 de Novembro. O armistício!
Quatro anos de lágrimas e ui-
vos, fome e peste, sangue e lama.

O esmalte da civilização, que
autocava os instintos primitivos,
estala nas trincheiras.

O homem é já menos do que
homem.—As suas unhas transmuda-
m-se em garras, os seus dentes
em presas.

A espinha dorsal, erecta, hori-
zontaliza-se, na atitude do tigre
que prepara o salto ou da ser-
pente que ondea rastejando.

O homem chafurda em lama e
sangue.

Lama nos corpos e lama nas
almas.

E vão subindo, sempre a subir,
as acções das fábricas de material
de guerra...

Por todo o orbe luto e dôr e fo-
me e regressão.

Mas aqui, além, acolá, o cham-
pagne espuma em taças de cristal.

E' que as acções das fábricas de
material de guerra não cessam de
subir!

Dezasseis anos são passados.
Um manto negro de luto paira no
ar prestes a envolver a terra.

A tragédia repetir-se-á? Poucos
dizem que não, muitos, mesmo
muitos, dizem que sim.

De vez em quando os nossos
ouvidos julgam já ouvir rodar de
canhões, tinar de espadas, uivos
de dôr.

Os canhões parece que estão
famintos de carne humana e as acções
precisam de subir...

Mães, fecundai vossos ventres!

D. R.

uma directriz

E' tradicional, na imprensa, redigir-se uma apresentação e esboçar-se um programa, quando uma pleiade de pensadores concretiza e pretende difundir pelo jornal—através dos que sabem ler—as suas idéias literárias, científicas ou críticas.

Gleba foge à tradição. Esta senhora obsoleta, pragmática e peculiarmente bafenta, obriga aqueles que a respeitam a uma norma.

Ora o núcleo que constitui Gleba não tem uma norma, não respeita a tradição, não aceita o passado; também não é um camartelo demolidor, por sistema, nem iconoclasta no sentido mais lato da palavra.

Parece, pois, à priori, que o agrupamento Gleba vive sem norte e sem rumo. Também não é assim; Gleba norteia-se pelos princípios filosóficos que buscam um perturbador ansiedade a sua doutrinação no campo da mais pura e evolutiva verdade científica; e como a Filosofia engloba todas as manifestações da actividade humana—artes e ciência, estética, ética, literatura, poesia, moral e lógica, etc.—Gleba, vulgarizando-a, supõe servir, pelo menos, uma parte dos que cultivam o espirito, sem preconceito, sem dogma e sem verrina faciosa ou de camarilha.

Mas, a-final, dirão os leitores: Gleba apresentou um programa. Não! Gleba definiu um estado de alma dos seus orientadores, o estado dinâmico, isto é, um espirito que vive sempre preocupado com a Verdade e a Perfectibilidade, os dois postulados que constituem a própria essência do Progresso.

Podé, pois, Gleba modificar, aceitar ou repelir em cada número o que no antecedente lhe parecia imutável, inaceitável ou aceitável; para isso, tanto lhe basta que o exame atento, o raciocínio sensato e preclaro, a investigação científica ou a experiência da prática lhe aconselhem e imponham o novo ponto de vista.

Não haverá nunca incongruência ou versatilidade, mas tão somente adaptabilidade ao meio, à circunstância ou à causa, os três estímulos—actividades genéticas—que provocarão as nossas respostas, sempre orientadas pelo tactismo positivo, que quer dizer, permanentemente, o melhor.

Reflectir ponderadamente e modificar a opinião—dar a mão à palmatória, como diz o velho alorismo—perante argumento mais forte, mais lógico ou mais convincente, não é característica de volubildade ou inconsistência, mas de maleabilidade intelectual, sponágio dos psiquicamente bem-fornados.

A teimosia, a obstinação espiritual e o dogma incontroverso impôto, as trevas, podem servir de sustentáculo e definir a mentalidade dum seita. Gleba não é o porta-voz dum seita. Aspira a ser o estandarte dum escol que não imporá idéias, mas que as difundirá persuasivamente entre os predispostos, porquanto os dispostos delas não carecem.

Eis, por conseguinte, apenas definida uma directriz estratégica que aceitará tantas soluções tácticas quantos forem os teatros de operações onde actuar, isto é, quantas forem as circunstâncias impostas pela necessidade de alcançarmos a Verdade tal como a concebemos.

quinto império

Mão amiga nos colocou sob os olhos este pequeno rômulo, constituido por sete páginas de prosa de Fernando Pessoa, transcrições do padre António Vieira, quadras do profeta Bandarra e alguns «poemas» do sr. Augusto Ferreira Gomes.

Sentimos profundamente não conhecer os volumes deste autor que apareceram anteriormente, ambos esgotados, o que para muitos é prova cabal dos merecimentos do sr. Ferreira Gomes como Poeta, hoje decerto em declínio rápido, porquanto o Quinto Império demota a ausência de um Ideal humano, grandioso, numa absorção constante de mistério, de vago, de... nua. Quere o sr. Ferreira Gomes, em pleno século XX, arriscar-se a rivalizar com o citado e profético sapateiro de Braga? Seja, ao menos, artista, como o é, por exemplo, o preclauder do livrinho, que, dotado de erudição sancipriana, através do comentário a uma quadra do Bandarra, em que faz verdadeiras maravilhas de raciocínio lógico, nos deslumbra pelos seus conceitos e frases bem desenhadas.

Repare o leitor nesta maravilha com que fez o seu prefácio: «Tão certo é o que se diz em certo passo secreto — que a melhor luz que temos neste mundo não é mais que treva visível...»

Impressionou-nos bastante a dedicatória: «A Fernando Pessoa, nascido no ano certo; assim como a seguinte, que reputamos um «modelo» de lógica e de clareza:

A todo aquele que faz adormecido
o margem trêz da incerteza morta;
Aos que desconhecem a palavra — e
o sentido —
Que faz abrir determinada porta...»

Se o autor, em vez de «palavras», nos dissesse «frases», não nos custaria muito resolver o «grave problema» apresentado acima. Dir-lhe-íamos o «abrete-te, Sésamo» de Aladino, nas Mil e uma noites. E se não fosse o tratar-se de «determinada porta», possivelmente em sentido figurado, só encontraríamos uma «palavra», mencionada no instrumento traduzido por uma palavra e que abre as portas — uma chave. Enquanto o Autor, à maneira das obras clássicas, não fizer ou mandar fazer um «glossário» ou «diccionario» de notas acerca de sua obra, ficaremos encerrados nas trevas da mais acendrada ignorância, a não ser que sigamos o preceito escolástico de Santo Agostinho, «credo quia absurdum».

E Hiquemos por aqui na análise sucinta do livro do sr. Ferreira Gomes. A prosseguirmos nesta viagem através das mínguas páginas deste livro de «poemas», só mostraríamos a falta de senso, de matéria, de ritmo, de cor, de uma e a super-abundância de «versos secretos» e «sinais reservados», que nos fazem pensar em coisas leias, mesmo muito leias.

Entretanto, Deus nos dá vida e saúde para que, daqui a mais uma dezena de anos, o sr. Augusto Ferreira Gomes nos apresente o seu quarto livro já desembragado do seu tem profético de poeta «iluminador», de modo que possamos dizer, ao menos, com Balcas, ao referir-se a Ronsard: «Ce n'est pas un poète bien enter; c'est le commencement et la matiere d'un pécier».

M. D. M.

renovação cultural
do ensino das línguas clássicas

Nas Universidades portuguesas, sem sombra de excepção, o ensino das línguas clássicas é ministrado segundo processos velhos.

Em face do texto o professor procede, perante o curso transido, a uma minuciosa e implacável análise gramatical. Tudo o que ele oferece de menos num particularidade fonética, aberração morfológica, capricho de sintaxe, subtiliza enfim que definem a maneira dum autor, tudo é laboriosa e exaustivamente explorado e esgotado.

Para integrar as liberdades do escritor nas linhas rígidas dum sistema, elaboram-se, a poder de fantasia, intrincadas gramáticas de labirintica feitura, formulam-se, a poder de sibilo enigma, espantosas hipóteses de arquitectura extravagante.

Deste erudito delírio a que conduz o vago esmiuçado do filólogo picuinhas, só o aluno é vítima — o aluno que aspira a exercer a leitura de um livro algo de mais avançado e útil.

Se por impossível, Cícero resuscitasse e quizesse reavivar o seu latim, teria de percorrer, atônito, uma inexotérica bibliografia que séculos de erudição acumularam. E certa morte volveria de bom grado ao outro mundo de preferência a ter de penetrar as sofisticas locuções dos seus profundos comentadores.

E que para o estudo das línguas que nas escolas da velha Roma um mestre simples ensinava através de simples tabelas, o ilustre cultor do preclaro idioma teria de cansadamente percorrer o colossalmente decorado toda essa infinita galeria de compactos tomos que para honra e glória do humano engenho os arduos filósofos têm escrito.

Se da língua do Lácio transitarmos para o grego — esse admirável idioma estuante de espontânea e harmoniosa liberdade, verificamos que o método não muda. Para o frio critério sistematizado do frio gramático, a originalidade ou é friso vício que cumpre corrigir ou escandalosa excepção que urse justificar.

E assim as duas grandes literaturas de dois grandes povos permanecem como dois grandes tormentos para o estudante.

Assim, a despeito de tão afinado estudo, elas continuam encerrando — virgem de exploração — aquilo de mais valioso contém a beleza imorredoiro do harmonioso espirito helénico, a sóbria e clara expressão sintética do arquitectónico pensar latino.

Só a ressurreição dessa forte dose de humano calor que nelas vive latente como um fogo sóbrio cinza, há tantos séculos já, justifica os estudos dessas línguas mortas — cinzelado escríto de uma idéa eterna.

Faça-se surgir dessas linhas velhas de milénios, perante o olhar estafado do aluno, a maravilhosa vida de dois grandes povos em todas as suas fortes manifestações.

Reconstituam-se a maneira como amavam, pensavam e viviam os gregos e latinos.

Narre-se numa sugestiva evocação rica de dinamismo e cor a pugna rija que travaram em prol do seu progresso e da sua liberdade.

Avulte-se a nobilitante tarefa que cumpriram na infinita e laboriosa gesta do progresso humano.

Ísto, sim! Interressará e ilustrará o espirito do aluno.

De contrário, se se persistir nos penosos, frios e estéreis métodos por que até agora têm sido ensinados, o grego e o latino só causarão no estudioso pesado tédio e cansaço inútil.

O que hoje se passa com as literaturas clássicas, acontece, não há muito tempo, com a literatura medieval portuguesa.

Então, também, as formosas e delicadas endexas dos nossos trovadores, arrefecim de pavor o ânimo do estudante. E que elas não constituíam para o mais vivo espírito do professor mais do que um pretexto para obrigar o desalentado aprendiz das belas letras à elaboração penosa de longas listas de derivação filológica.

E já mais um professor as tinha estudado no seu aspecto estético ou humano.

Um homem surgiu porém que, como por encanto, tudo transformou.

Com quente entusiasmo e vibrante talento, dispôs-se a fazer emergir a flor desses velhos textos, em toda a sua pujança, a beleza imorredoiro dessa literatura de sortilégio. E logo, empolgado pela palavra ardente do mestre, os alunos se lançaram na exploração dos nossos cancioneiros, filósofos virgens e inexaurível duma poesia impregnada de amor e tonante realismo, surpreendidos de encontrarem emção onde só supunham existir trivial estereótipo.

Porque não tentar idênticos processos em relação ao estudo do latim e do grego?

Porque não transformar o professor de línguas clássicas, de disseccador de cadáveres, em animador de civilizações?

Encantados dentro dessas literaturas existem cristalizados dois momentos brilhantes da humanidade que só esperam que alguém lhes insufla vida e calor para surgirem magníficos, cheios de cor e frescura.

E árdua a tarefa? Certamente!

E que ela exige mais do que erudição: eloquência e talento. Mas tarefa compensadora e de tentar.

Existe na Faculdade de Letras de Lisboa um homem novo a quem não faltam poderes para meter ombros à empresa. Se tentasse a façanha, prestaria um serviço de valia, a um tempo intelectual e social.

Resuscitasse duas idades fulgurantes pelo espírito e pela acção que se possam servir de exemplo e ensinamento à nossa desvaída idade: — eis a função que compete ao professor de línguas clássicas. Aos homens de hoje, no melindroso momento histórico que atravessam, não preocupa a escalpelização de tecidos mumificados, e de um texto preferem a verdade que encerra aos problemas fonéticos ou morfológicos que possam suscitar. Porque, na hora que passa, mais do que nunca, a ciência, a arte e a literatura devem constituir lições do presente e subsídios para edificação do futuro, ricos de humano exemplo e impregnados de viva realidade.

ALMEIDA E SILVA

UM PROFESSOR...

Todos os dias chegam ao nosso conhecimento factos comprovativos de como o ensino é ministrado ainda, em muitas escolas por pessoas absolutamente incapazes.

O conceito de que o professor é um homem mais cujo objectivo é vender e julicar o aluno, e de que o aluno é um menino esperto, cuja finalidade é intrujar o professor, em vez de ser combatido e inteliramente bauido, vai aborrendo cada vez mais a vida escolar.

Chamam-nos agora a atenção para o caso do sr. Estanço Louro, do liceu de Camões.

Segundo o informe, este senhor é professor da disciplina de português, e autor duma série de «cadernos gramaticos» que, nunca foram aprovados oficialmente, os pobres alunos se vêem obrigados a comprar, com risco de não passarem o ano.

Esta aquisição obrigatória dum material inútil (os ditos cadernos só servem para espalhar a confusão nos cérebros incipientes) e, consequentemente, a obrigatoriedade do aluno saber palavra por palavra (note-se bem: em pleno século vinte — palavra por palavra!) as regras, leis, excepções, compiladas e inventadas pelo seu autor, já por si é qualquer coisa de fantástico.

Porém, a última novidade, é muito superior! Calcule o leitor culto que se deu ao trabalho de analisar em todos os por menores o poema de Camões e, mesmo, o que apenas leu uma passagem aqui, outra além da aludida obra que o iluminado professor passa como lição aos actuais alunos da quarta classe local a bagate de 76 estâncias de «Os Lusitãos» 76 estâncias!

E tudo quanto há de mais anti-

pedagógico. E não fazer a mais péssima ideia de que seja um verso de «Os Lusitãos».

E tudo aquilo sem a mais leve explicação, sem a mínima interpretação!

O aluno vai para casa, volta no dia seguinte, afliço, com a lição em branco (claro!) e, ou escapa ao suplicio por acaso, ou adquire uma baixa classificação. Mas que se possa fazer não sentiria então o sr. Louro ao provar a todo o curso que os alunos são uns ignorantes, uns cábules, uns cavalos — como diria um seu primo também professor! Que se passasse a quem sempre zelar pelo bom nome do ensino, reparem nesta maneira maravilhosa de despertar o óbito pela literatura, a ver se em Portugal se começa a ensinar os louros destes inúmeros Estancos.